

Maria Ondina Braga

Cartografia(s)
da Memória
e das Emoções

Isabel Cristina Mateus
Cândido de Oliveira Martins (eds.)

hnmus

*“Sinto em minha alma
ânsias infinitas de criar”.*
A sensibilidade poética
de Maria Ondina Braga

MICHELA GRAZIANI
UNIVERSIDADE DE FLORENÇA

Abstract

Inside the literary output of Maria Ondina Braga, her poetic work has not yet been studied in academia. Nevertheless it reveals very interesting aspects of intimacy that allow a better knowledge of the writer and her inner world.

The following work aims to present the two poetic works of Maria Ondina Braga (*Alma e rimas*, *O meu sentir*) and to reflect on her own idea of poetry and writing poetry. It will be presented the structure of the two volumes and three possible thematic lines for an hermeneutical study of the poems. In addition, the poems included in some fictional works and those one published in the journal *Diário de Notícias* from 1964 to 1968, here referred, represent two more interesting examples of the inner cartography of Maria Ondina Braga.

Other aspects as: ecfrastic, metatextual and intertextual references which are present in the two poetic works, will be studied for another publication because they require an appropriate analyse.

Keywords: poems, Maria Ondina Braga, writing poetry

Introdução

No âmbito da vasta produção literária de Maria Ondina Braga, ainda hoje a obra poética não foi estudada no mundo académico, mas revela aspectos intimistas muito interessantes que permitem conhecer melhor a escritora e o seu mundo interior.

Em 1950 e 1953, o *Correio do Minho* publicou dois artigos, o primeiro anónimo, o segundo escrito por J. Alves dos Santos, que, de facto, representam, até hoje, os dois estudos mais importantes sobre as duas antologias poéticas que iremos analisar neste trabalho. Aí o autor anónimo focaliza a atenção no elemento intimista, autoconfessional, celebrado por Maria Ondina Braga em *O meu sentir*, que desvela “a alma caracteristicamente feminina da autora [ou seja] o máximo do seu drama, a eterna incompreensão e inadaptação do artista, ainda maior para a mulher, perante a vida” (Anónimo, 1950: 4). Além disso, a temática amorosa que “tem nesta nova poeta uma revelação e uma renovação inteiramente nova para nós”, e “a vaga filosofia de fundo poético gerada pela sensação de desencontro com a vida” (Anónimo, 1950: 4), fazem de *O meu sentir* um livro poético e de “sensibilidade poética” (Anónimo, 1950: 4).

No segundo artigo, os aspectos mais elucidativos de *Alma e Rimas*, evidenciados por J. Alves dos Santos, dizem respeito ao estado de graça poético determinado pela “revolta resignada e confissão humilde, por uma auto-disciplina moral com raízes numa religiosidade que toca pelo misticismo” (Santos, 1953, p. 4) e à autorepresentatividade celebrada pela escritora sobretudo, mas não só, no soneto “Auto-retrato”, onde “Maria Ondina corajosamente quebra as grilhetas e é ela, inteiramente ela, magnificamente ela” (Santos, 1953: 4).

Alma e rimas e *O meu sentir* são as únicas duas antologias poéticas da escritora bracarense publicadas respetivamente em 1952 e 1949. O primeiro volume, estruturado em três partes, dedicado ao tio Luís Soares Barbosa, aos seus irmãos e ao primo Luís José Peixoto Soares Barbosa, representa a maturidade poética da autora, enquanto *O meu sentir* a sua formação poética. Este segundo volume, dedicado à memória dos seus pais e estruturado em duas partes, é precedido por uma carta-prefácio da professora, poetisa e deputada Virgínia Faria Gersão (1896-1974), amiga de Maria Ondina Braga, escrita em Lisboa a 18 de março de 1949, onde é possível tomar conhecimento do macrotema relativo às duas antologias, ou seja, a alma poética da autora, e que por isso referimos integralmente:

Li os seus versos com verdadeira emoção. Canta neles uma Alma cheia de ideais puríssimos, crente em Deus e sincera nas suas afirmações; uma Alma que adora tudo o que existe – porque a Natureza é obra dum Princípio infinitamente bom, criador e onnipotente – e que se resigna na adversidade, com humildade cristã; canta neles toda a ansiedade da sua juventude, o amor por tudo o que é humilde e puro, a sua Fé ardente, que lhe levanta o olhar para Deus; mas também neles chora a sua dor, na saudade dos que lhe partiram para sempre ou na tortura do Ideal que teima em se opor à realidade da Vida.

Há neles a febre da ansiedade na perfeição da forma, em que tem progredido imenso nos últimos tempos e que um futuro relativamente próximo há-de coroar de esplendor.

Essa doce tortura que a enleva, a tal ponto que sente sede de Beleza, dá-lhe imagens de real valor, identifica-a com a sua poesia.

Não admira portanto, que ela seja “o seu viver”, “o que desejava ser”, “dar” e “possuir”. Espero que aqueles que a lerem – e que eu desejo sejam muitos – sintam a mesma suavidade e encanto que eu senti e lhe prestem a homenagem que se deve a tudo quanto é puro, sincero e grande. (cf. Braga, 1949, [s.p.])

Estrutura de *O meu sentir* e *Almas e rimas*

Poderíamos iniciar a nossa reflexão a partir de uma pergunta indicada como título do número 6 da revista *Relâmpago*: “como falar de poesia?” (Cruz, 2000, [s.p.]), ou melhor, no nosso caso específico, como falar da poesia de Maria Ondina Braga? Para respondermos a essa pergunta, acho importante ter em conta, em primeiro lugar, as afirmações de outros poetas portugueses relativas à poesia em geral, porque estas afirmações bem se prestam à individuação e compreensão do conceito de poesia em Maria Ondina Braga. Se para António Ramos Rosa a poesia é “o acto de respirar pela linguagem o que o homem não sabe ou não pode dizer” (Rosa, 2000: 15), Eduardo Lourenço descreve a poesia como palavra materna (Lourenço, 2000: 26); enquanto Gastão Cruz evidencia o objectivo do texto poético, ou seja: “entrar no “lago escuro” não para o iluminar, mas para lhe conhecer a escuridão” (Cruz, 2000: 44).

Ora, estes aspectos encontram-se todos na obra poética da escritora, marcada pelo sentimento dualístico, complementar, de sofrimento e prazer numa acepção profundamente cristã. De facto, não devemos esquecer que

Maria Ondina Braga editou *O meu sentir* quando ainda estava em Portugal, enquanto *Alma e rimas* saiu no período anglo-francês. De qualquer forma, as duas antologias saíram antes da sua viagem a Angola e da sua formação cultural e religiosa “extra-europeia”. Nos anos ’40 e 50, a formação cultural e religiosa da escritora era ainda fortemente cristã e esta educação encontra-se de uma maneira preponderante nos dois volumes poéticos em questão.

No caso específico, é possível individualizar três linhas temáticas: religiosa, ruralista (ou seja ligada à vida e às tradições rurais) e intimista. No primeiro caso, a frequente invocação à Virgem Maria¹, definida apenas “Mãe”, “Ela”² ou “Tu”, leva a crer que alguns poemas sejam quase poemas marianos, se não fossem também marcados pela invocação a Deus e ao Menino Jesus. Trata-se de poemas nos quais a escritora confia a Deus, a Jesus ou à Virgem (tratada também por “Amiga”, “amiga de verdade”) as próprias fraquezas e ansias terrenas, na espera de um conforto, de um alívio divino:

Oh minha Mãe que me criaste aos peitos / e me deste em teu leite este anseios, / põe teu divino olhar nos meus defeitos (Braga, 1952: 14);

Minha Mãe, quem dera ver-te ao pé de mim! (Braga, 1952: 37);

No inverno chorei / [...] por não ter Mãe. / [...] Quem dera / ver a Mãe regressar! (Braga, 1949: 25);

Junto d’Ela / não havia incertezas, nem temores. / Havia só a luz do seu olhar, / a única capaz de me guiar / neste vale de lágrimas e dores... / [...] É que Ela, essa Amiga de verdade / que a toda a hora lembro com saudade, / era a minha Querida a Santa Mãe! (Braga, 1949: 22);

¹ A partir dos anos ’60 a figura da Virgem será objecto de uma mudança radical, tanto que em *Estátua de sal* Maria Ondina Braga afirmará: “Jamais tive devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva” (Braga, 2022: 133). Mas isso vale também no que se refere à ligação da escritora com a religião católica, mais destacada nesta fase da sua vida, para se aproximar melhor às doutrinas filosóficas orientais durante a sua permanência em Macau.

² Em outros poemas, “Ela” refere-se à fantasia (cf. Braga, 1949: 15), ao desejo de paz interior (cf. Braga, 1949: 47) ou à própria poesia (cf. Braga, 1949: 73).

Meu Deus! Se me quizesse atender... / Sofro e não só capaz de perceber / se é por mal que sofro, se por bem (Braga, 1949: 27);

Se esse doce Jesus, de meigo olhar, / e bracinhos abertos a chamar / as almas à luz do Seu amor, / quisesse / ouvir a minha prece! (Braga, 1949: 29).

A dor, a lamentação, a ânsia que acompanham os poemas da primeira linha temática dão lugar a um conjunto de sentimentos mais luminosos no segundo grupo, relativo à vida agreste, ao direto contacto com a natureza, que difunde no ânimo humano uma sensação de paz, de alívio e de *joie de vivre*, visível sobretudo nos seguintes versos: “Ai! O beber do sol a longos tragos / até inundar-me toda de quentura / até sentir sob os meus ombros vagos / plenitudes de vida nova e pura!” (Braga, 1952: 59). Neste contexto naturalístico, a mudança das estações nunca produz, na escritora, uma alteração do seu estado de espírito; todas as estações manifestam a sua própria beleza estética e cromática, e tudo isso revela mais uma vez a atitude cristã, ou melhor, franciscana da escritora, perante a natureza e as suas criaturas, numa forma de exaltação da beleza do criado e de conúbio entre a vida e a morte:

Chegou o Março moço, o Março ledó / que entorna sol ao longo das montanhas! / com ele freme a seiva do arvoredó / e brotam na alma sensações estranhas... / [...] E assim a vida se faz luz e cor! / Extingue-se o cansaço do descanso, / os peitos ansiosos... abrem em flor! (Braga, 1952: 61);

Vivi aridamente todo o verão / e nunca como então eu fui feliz! / [...] Isto foi lá na aldeia, noutros ares! / Lá onde a vida é feita de simpleza, / salubridade, risos e cantares! (Braga, 1952: 105);

As folhas caem... Eu penso que no Outono / há-de ser bom dormir o último sono! / [...] Folhas pálidas, rubras, douradinhas, / [...] Ide contar ao humus que vos alimentou / como espalhastes sombra, como o Sol vos beijou, / e como é bom morrer quando se viveu bem! (Braga, 1952: 53);

A neve tomba em pétalas de flor / e a terra inteira é um jardim de alvura! / Manhã de sonho! Quis Deus Nosso Senhor / fazer de ti um verso de arte pura! (Braga, 1952: 89).

Se o pôr do sol no mar difunde na alma de Maria Ondina Braga o desejo de sonhar e a vida na aldeia configura-se como alimento para a sua atividade poética (cf. Braga, 1952: 62, 83), o outono é a estação preferida pela escritora, como indicado em outras obras em prosa (cf. Braga, 2022: 100-101); e estes momentos do dia ou do ano bem se prestam para entrarmos na terceira e última linha: a intimista, ligada ao seu mundo pessoal, à representação de si mesma e às temáticas que configuram a constelação da sua vida interior.

“Tormento”, “ânsia”, “silêncio”, “solidão”, “cansaço”, “tristeza”, “chorar”, “sofrer” são as palavras e os verbos mais recorrentes que retratam o lado mais melancólico e magoado da alma da escritora; uma alma atribulada por causa dos lutos e dos problemas de saúde que Maria Ondina viveu na época da infância e da juventude, bem explicitados na obra autobiográfica *Vidas Vencidas*. Por isso, a dor e a morte configuram-se como os núcleos temáticos intimistas dominantes nas duas antologias poéticas, mas sempre acompanhados por uma dimensão cristã salvífica.

Por usa vez, as invocações à Virgem, as reflexões interiores, a contemplação da beleza cromática ligada aos meses da primavera e do verão e a observação da humildade e dos sofrimentos de outras pessoas representam o lado mais luminoso da alma da autora. Portanto, a vida em Maria Ondina Braga apresenta-se como um conjunto dualístico, mas complementar, de forças opostas e uma contínua alternância de emoções contrastantes.

Todavia, as duas antologias poéticas, estruturadas em partes pela autora, permitem mais uma leitura e um estudo hermenêutico das antologias em questão. No específico, os poemas inseridos na primeira parte de *Alma e rimas* configuram-se como o autoretrato e a representação das qualidades interiores mais salientes de Maria Ondina Braga: sensibilidade, silêncio, solitude. A segunda parte é um hino à vida e aos dualismos complementares que a configuram, a partir dos momentos de sofrimento – em frente aos quais a cura melhor para Maria Ondina é a de rir e cantar – e das fases de alegria celebradas pela alternância das estações e pela ligação simbiótica entre homem e natureza, para chegar à suspensão interior, sem uma aparente identidade terrena. A terceira e última parte apresenta-se como a suma do seu sentir-se entre dois mundos: o mundo terreno, real e da quotidianidade (enquanto mulher); e o mundo poético, fantástico e onírico (enquanto poetisa). Os exemplos poéticos escolhidos e indicados a seguir, tencionam pôr em relevo simbolicamente as especificidades das três partes que estruturam *Alma e rimas*.

I parte:

Auto-retrato

Queimei-me ao sol de Agosto. Sou morena.
Tenho olhos profundos e leais,
Lábios esmaecidos, voz serena,
Cabelos curtos, fartos, naturais.

Minha alma é feita de sorriso e pena,
Loucuras mansas, doces, outonais...
Sonhos que trago em mim desde pequena,
Saudades que ficaram de meus Pais!...

Adoro o campo, a paz, a singeleza,
O silêncio da noite, o mar que reza,
A infantilidade, a comoção!

Gosto de falar só... e às escondidas.
Tenho olheiras escuras, mãos compridas,
E sob o peito, a arder, um coração! (p. 15)

II parte:

Sombras

A noite vem descendo sobre as cousas.
É tudo cor de cinza e de lilás.
Eu falo baixo. E tu, amor, nem ousas
Perturbar o mistério desta paz.

Dói-me no peito a algidez das lousas,
É a vida, amor, que se ficou p'ra trás!...
E sinto, entre o perfume das mimosas,
Que eu não sou moça, nem tu és rapaz...

Temos agora no olhar os fumos
De quem buscou na vida estranhos rumos,
Se cansou a pensar... e enloqueceu.

Somos almas penadas, somos mitos,
 Peregrinos de mundos infinitos,
 Não sei quem és, amor, nem quem sou eu... (p. 49)

III parte

Entre dois mundos

É hoje o dia
 Da Poesia!!!
 Bendita seja ela,
 A minha estrela!
 Nasceu comigo,
 Vive comigo,
 Comigo há-de morrer...
 Bendita seja que me deu o ser!

Ela hoje estende-me os braços,
 Abre-me os olhos p'ra eu ver.
 Desmoronam-se os cansaços...
 Minha alegria é viver!

[...]

Sinto uma alma a respirar na flor,
 Um coração na terra a palpitar,
 E digo à Natureza a minha dor,
 E oiço a Natureza soluçar...

[...] (p. 73)

No que concerne à segunda antologia, os poemas inseridos na primeira parte de *O meu sentir* representam a construção da identidade poética da escritora, ou seja, um processo *in fieri* onde ressalta a juventude em claro-escuro dos seus pensamentos: com os sonhos e algumas certezas, muitas dúvidas, fragilidades e perguntas, e o desejo de afirmação de si mesma. A segunda e última parte abre-se com um ponto de interrogação sobre o sentido de chorar, mas já revela a transição para uma fase mais madura, onde as perguntas recorrentes, as afirmações com dois ou três pontos de exclamação e a busca constante de uma figura “amiga” reconfortante, dão lugar a uma conscientização da própria realidade humana através do utilizzo

da primeira pessoa singular e de uma escritura mais madura. Neste caso também, os exemplos poéticos escolhidos e indicados a seguir, tencionam pôr em relevo simbolicamente as especificidades das duas partes que estruturam *O meu sentir*:

I parte

A minha poesia

A minha poesia é o meu sentir,
 O meu contentamento e o meu sofrer;
 O que eu não sou mas desejava ser;
 O que eu queria dar e possuir!

É sorriso ingénuo da criança;
 O olhar compassivo do velhinho;
 A suave canção do passarinho;
 Um sonho, uma saudade, uma esperança!

É o perfume das rosas e dos lírios;
 A magia das noites de verão;
 Um grito de alma!... A mística oração
 Da minha fé a arder à luz dos círios. (p. 11)

II parte

?

Chorar?! — Chorar porquê?

Se os pássaros riem alto quando eu passo,
 Se a alegria que brilha no espaço
 É bem a mesma em que a minha alma crê!...

Se eu vivo na montanha cor de rosa,
 Tão rescendente ao oiro da mimosa,
 Beijada pela luz da madrugada!...

Se eu entendo o murmúrio da ribeira,
Se a verdade mora à minha beira,
Se eu sinto que amo e sou amada!...

Chorar?! — Chorar porquê?
Porque a minha ventura não se vê?
Oh! Como as nossas almas são distantes!...

Vou voltar, vou voltar para o meu mundo;
Lá há cantigas e luar profundo,
E as noites aqui... são sufocantes. (p. 69)

De facto, o frequente interrogar-se e a presença copiosa da primeira pessoa singular não só reflectem a construção juvenil da sua identidade autoral, mas representam o momento inicial do percurso autobiográfico que contradistinguirá a sucessiva produção ficcional e que já foi amplamente estudado³, apesar de a escritora ter afirmado de recusar os autoretratos de si mesma no âmbito literário⁴.

Um outro aspecto curioso, salientado por Isabel Cristina Pinto Mateus e José Cândido de Oliveira Martins, que faz parte deste percurso autoral, é a escolha do nome (e não do apelido) pela assinatura literária das duas antologias que “constituem a estreia poética da escritora que viria mais tarde a rejeitar estes poemas” (cf. Braga, 2022: 410), onde “a alteração do nome literário, a par da rejeição ou revisão da obra publicada, traduz uma consciência de si enquanto autora e da identidade da sua voz textual cada vez mais acentuadas” (cf. Braga, 2022: 411).

³ Veja-se ao menos a dissertação de mestrado de Manuela da Mota (cf. Oliveira, 1995); o prefácio e a nota final do primeiro volume das obras completas de Maria Ondina Braga (cf. Braga, 2022).

⁴ “Auto-retratar-me, eu que sempre detestei olhar-me nos retratos, que jamais me submeti a qualquer espécie de psicanálise? [...] Auto-retratar-me, não. Tenho medo. [...] Auto-retratar-me só, talvez, se fosse pintora” (Braga, 1990: 5).

A escrita poética

Os versos – “Sinto em minha alma ânsias infinitas de criar! / Ânsias de produzir, e erguer / de pensar, de sentir, de imaginar! / Ânsias de vida” (Braga, 1952: 13) – que ecoam versos pessoanos ortónimos e caeirianos, bem simbolizam a oficina da escrita poética entendida pela autora como elemento catártico, utilizado para fugir das suas ânsias, e como abrigo, onde se refugiar para encontrar mais descanso. A génese da escrita poética reside na própria alma, definida não acaso por Maria Ondina Braga como “a grande casa”, “jardim”, “pórtico”, ou seja, numa acepção cristã, um lugar que acomoda e que suporta as próprias dores e as dos outros, como se fosse uma espécie de mensageiro, portador de boas ou más novas.

Além disso, a alma poética é o lugar onde a autora sente todas as ânsias que reflectem as tribulações pessoais ligadas à sua vida como mulher; e também profissionais, ligadas à escrita poética, porque afinal a poesia de Maria Ondina Braga é um lugar de suspensão, entre dois mundos (cf. Braga, 1952: 73), ou seja, o seu sentir: “É toda a felicidade e dor humana / que o coração entende e compartilha. / É a ambição do belo, a maravilha / que seduz, que domina e nos engana. É um mundo distante deste mundo” (Braga, 1949: 12). Por último, a alma poética da autora é o lugar da luta à procura da Justiça e da Verdade terrenas, mas também o lugar da fantasia, da ingenuidade e dos sonhos, ou como explicitado em *Estátua de sal*: “Uma alma de sombra e de mistério que se tornou o único lugar onde me era possível encontrar-me” (Braga, 1983: 26).

Maria Ondina Braga exercitou a escrita poética não só nas duas antologias aqui apresentadas, mas também em dispersos publicados em revistas e jornais⁵. Nós encontrámos, e aqui referimos, os poemas éditos no *Diário de Notícias* entre 1964-1968, que representam o prosseguimento do percurso poético intimista começado com *Alma e rimas* e *O meu sentir*. Trata-se dos poemas: “Perseguição” (*D.N.*, 7 de maio de 1964), “Poema da minha morte” (*D.N.*, 10 de dezembro de 1964), “Sexta-feira Santa” (*D.N.*, 15 de abril de 1965), “Lusco-fusco” (*D.N.*, 5 de agosto de 1965), “Verão” (*D.N.*, 11 de novembro de 1965), “Poema do meu destino” e “Amor de poeta” (*D.N.*, 8 de agosto de 1968), que aqui apresentamos integralmente:

⁵ O poema “Vida simples”, saído no *Correio do Minho* a 7 de outubro de 1948, foi a primeira publicação poética da escritora.

PERSEGUIÇÃO

Anda Deus no caminho, eu o pressinto
em místicas visões de desassombro,
os Seus passos, a veste de jacinto,
o Seu ombro que toca no meu ombro...

E eu a beber da taça do absinto,
a alma desmoronando-se em escombros,
e Deus aqui, Deus perto... Oh como sinto
os Seus ombros roçando pelos meus ombros!

Acreditai, não são vapores do vinho,
nem erro dos sentidos, nem assombro.
Os Seus passos, a túnica de linho,
o Seu ombro que toca no meu ombro...

POEMA DA MINHA NOITE

Morri inteira e viva
com quem se perdeu no subterrâneo de um panteão.
Morri de frio e espanto,
calçada de desencanto,
vestida de solidão.

Vêm os homens para ver
«la doña de los jestos absortos»
— Oh, quem lhes disse
que eu sou desse mundo sem arte e sem pejo
onde vivem os mortos!—

Os homens vêm com a esma inocência
com que abrem falência
ou editam jornais...

E ao longo do seu desejo
eu morro mais e mais.

SEXTA-FEIRA SANTA

Quem vestiu de roxo Abril, o mês da luz?
Quem cabou os céus em cemitérios de ar?
— Olhos meus são Cristos pregados na cruz,
tristes de morrer, tristes de matar...

E os sinos dobram, lúgubres e lentos,
como monges negros a rezar Amém.
— Há na alma dos homens líricos conventos
com sinos e sombras e mistério e além.

O dia é a pena de um sonho imperfeito.
— Que será que em mim vai hoje a enterrar? —
Paisagens de virgens com espadas no peito,
e os sinos lentos, cavos, a dobrar...

LUSCO-FUSCO

No anoitecer havia a praça azul,
o largo líquido, denso, ensimesmado
como um paúl.
Havia vento suão.
Havia a minha humildade.
Se os carros passavam velozes
e as vozes do povo da cidade
choravam qual palhaço em gargalhada,
eu só me lembro é do vento sul,
do meu próprio nada,
e da praça líquida, ensimesmada, azul...

VERÃO

Ruas brancas,
terra seca,
cidades de cartolina!...
Verão de sedes de pranto
e fomes de estranha sina.
Verão de ausência e espanto
dos meus tempos de menina.

Verão – fiado de linho,
linho moreno, sem cora...
Tardes de virgens caladas
guardando o eterno da hora.

Verão de gestos desfeitos
como barcos fora de água.

Alma de oiro e pó dos dias
desmaiando em sono é mágoa.

POEMA DO MEU DESTINO

Vi o povo jurar que era contente,
vi-o matar o rei,
vi-o chorar o fado na viela.

O povo era o meu medo de ser gente
e de não ter uma estrela.

O meu medo dos medos da infância
com histórias de Deus e do demónio...

O ceguinho que geme em seu harmónio
oo milagre do perto da distância,
em horas absortas de quimera,
o ceguinho olhou-me nas pupilas mortas
e disse que eu não era...

A cigana de pele cor de Outono
e passos de vento nas encruzilhadas,
a cigana leu nas minhas mãos o sono
das noites acordadas...

E o bonzo de sorriso esquecido
no pagode de fumos e de véus,
o bonzo orou que eu tinha confundido
o bem da terra com o bem dos céus.

Creio no bonzo, no ceguinho, na cigana.
Creio na estrela que é minha e que me engana...
(Março – 1966)

AMOR DE POETA

Quero amar-te na exiguidade da hora
sem nada conhecer e nada ter.
Amar-te agora.
Amar-te só para ser...

... Ser, que ficar não existe.
Amar-te hoje. Amar-te no presente.
Amanhã não nos pertence
e ontem foi sempre triste.

Amar-te já.
Amar-te sem reflectir
nem compreender.

Logo pode ser tempo de dormir...
Logo pode ser tempo de morrer...
(Março – 1966)

Além disso, encontram-se poemas da escritora em várias obras ficcionais para eles introduzirem, como prelúdio, de uma forma simbólica ou metafórica, os conteúdos sucessivos, como no caso de *A Personagem*, *A Rosa de Jericó* e *Passagem do Cabo*, onde Maria Ondina inseriu os próprios poemas: um trecho de “Eu morri há muito tempo” (*P.*), “Deixei que viesse” (*R.J.*); “Ilha de Luanda”, “Rio Cuanza”, “N’Zambi”, “Kalunga”, “Meio-dia em Goa”, “O mandovi”, “Oriente”, “Dança do Dragão”, “A monção”, “Macao-porto da mãe”, “No lugar da flor de lótus”, “Nocturno de Macau” (*P.C.*).

Estes últimos terão sido escritos provavelmente durante os anos passados em Angola, Goa e Macau, cuja reconstrução cronológica é muito complicada pela ausência da data nos manuscritos e nos textos dactilografados. Todavia, conhecendo os períodos da permanência africana, goense e macaense da escritora, podemos colocar a hipótese de que os manuscritos

remontam à fase extra-europeia, enquanto os textos dactilografados aos anos '70-80 em Lisboa⁶.

Outras vezes, estão presentes trechos de poemas de outros autores portugueses ou estrangeiros inseridos como epígrafe ou nas entrelinhas dos discursos narrativos. Refiro-me à *Sagrada Esperança* de Agostinho Neto, à *Mensagem* de Pessoa, à *Clepsidra* de Camilo Pessanha, à *Rosa Secreta* de Vimala Devi (utilizadas como epígrafe), e aos versos de Cesário Verde, dos romancieiros, de Tomaz Vieira da Cruz e Alda Lara, do poeta chinês Ou Yang-Hsiu, em *Passagem do Cabo*; aos poetas chineses em *Nocturno em Macau* e *A China fica ao lado*; aos versos de António Nobre, Camões, dos romancieiros, das quadras populares, de Baudelaire, em *Vidas Vencidas*; aos versos de Ricardo Reis, dos poetas chineses Yuan Mei, Ai Ching, Po Chu-I, Liu Xiaofang, Yuang Mu, Chuang Tzu, Li Bai/Po, Li Shang Yin, do *Livro dos Cantares*, dos *Cantares gallegos* de Rosália de Castro, em *Angústia em Pequim*; aos versos de António Ramos Rosa, Pessoa, Cecília Meireles, Álvaro de Campos, Rimbaud, Pessanha, em *A Personagem*; e ainda aos versos de Rosália de Castro, em *O homem da ilha*.

Maria Ondina nunca amou definir-se poetisa⁷, mas isso foi desmentido nas palavras de Ana Maria Amaro que, numa carta de 13 de março de 1986, além de incluir um poema de Maria Ondina que aqui transcrevemos, afirmou o seguinte:

A Maria Ondina era uma poetisa sensível. Aliás, essa poesia reflecte-se em muitas páginas da sua obra em prosa, mas também em versos. Versos de que não gostava falar por não considerar ao nível da sua prosa. Recusava-se considerar-se poetisa. Apenas ficcionista. Mas a verdade é que é precisamente nesses seus poemas que toda a sua amargura se traduz, tal como nalguns textos inéditos que talvez não tenha querido nunca ver publicados. (Amaro, 2004: 38)

Sou como se não existisse... E o meu esquecimento
é uma coisa que ninguém há-de lembrar.

⁶ Para um estudo mais detalhado do avantexto poético ondiniiano, veja-se Graziani, 2011: 143-202.

⁷ Recordamos que em 2004 foi instituído o prémio literário de poesia "Ondina Braga" pela Câmara Municipal de Braga (cf. Anónimo, 2005).

Guardo nos olhos o alento
daqueles sonhos que disse
e não cheguei a sonhar.

Talvez que a mentira me afagasse
em horas de impossível
e o meu próprio olvido
fosse o infalível que falhasse.

Certo é que eu não sou a que represento
nem a que entre cenas se encobre.
E escuto a minha voz na voz do vento
como um distante e dissonante dobre. (cf. Amaro, 2004, p. 38)

Conclusões finais

Como salientou Cândido Oliveira Martins, "Maria Ondina Braga singulariza-se no panorama da literatura portuguesa como uma das poucas escritoras que têm o condão de transformar a sua vida e as suas experiências em literatura viva" (Martins, 2017: 785). Ou melhor, no nosso caso específico, em poesia intimista, porque o encontro consigo mesma sempre foi uma necessidade pela escritora, como ela afirmou em *Estátua de sal*: "Tenho de guardar a aparência das coisas para nelas me descobrir" (Braga, 1983: 24).

A escrita poética de Maria Ondina Braga, a par da ficcional, foi de facto uma escrita da solidão, do recolhimento, da suspensão, como explicitado em muitos artigos de jornais⁸ e em algumas entrevistas por ela mesma: "Escrevo para mostrar o que é e que não deve ser" (cf. Coimbra, 1983: 2); "A

⁸ "A sua postura perante o mundo e os meios literários foi sempre marcada pela discrição e por um evidente culto da solidão e do recolhimento" (Aldeia, 2003: 25); "A falecida nunca falou com a solidão, foi a solidão que falou com ela" (Fragoso, 2004, p. 5); "Desenvolveu uma escrita feita de textos de carácter intimista, marcada por temas como a solidão, a melancolia e a consciência da morte" (Anónimo, 2003b: 42); "A sua escrita intimista e delicada, reveladora de um mundo interior sensível, impregnado de solidão e tristeza, embora transmitindo uma mundividência muito própria, não apagava a presença de uma cidade escondida nos subterrâneos da memória, o que me impressionou tanto quanto o descaso que Braga dela fazia no dealbar da década de 80" (Nunes, 2003: 285); e Horta, 1992: 2-3.

poesia é retirar o essencial” (cf. Costa, 1991: 25); “Escrever foi a única coisa que encontrei na vida” (cf. Anónimo, 2003a).

O estudo poético aqui apresentado não é exaustivo. Outros aspectos presentes nas duas antologias, como as referências ecrásticas, metatextuais e intertextuais, merecem um estudo específico que não foi possível tratar neste trabalho, e que por isso será enfrentado em mais uma outra publicação. Todavia, as duas antologias poéticas aqui apresentadas, além dos poemas escritos por Luís Soares Barbosa sobre a escritora (2016) que também mereceriam um apropriado estudo, configuram-se como um interessante exemplo de cartografia interior de Maria Ondina Braga como mulher e poetisa.

Referências bibliográficas

- ALVES, Fernando (2003, Março 2). Da Feira do Livro à saudade de Maria Ondina Braga. *Região do Minho*.
- AMARO, Ana Maria (2004). Lembrando a escritora Maria Ondina Braga. In *Homenagem à escritora Maria Ondina Braga*. VII Semana Cultural da China. Lisboa: Centro de Estudos Chineses do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – UTL.
- ANÓNIMO (1950, Fevereiro 18). O meu sentir. *Correio do Minho*, n. 7237.
- ANÓNIMO (2003a, Março 19). Maria Ondina Braga (1932-2003). A escritora que amava o silêncio. *J.L. (Jornal de Letras)*.
- ANÓNIMO (2003b, Março 15). Maria Ondina Braga morre aos 71 anos. *Diário de Notícias*.
- ANÓNIMO (2005, Abril 6). Prémio Ondina Braga entregue a 28 de Abril. *Diário do Minho*.
- BARBOSA, Luís Soares (2016). *E fico só e falo com as sombras*. Braga: Câmara Municipal de Braga.
- BRAGA, Maria Ondina (1949). *O meu sentir*. Braga: Oficinas Gráficas PAX.
- (1952). *Alma e rimas*. Braga: Oficinas Gráficas PAX.
- (1983). *Estátua de sal*. Lisboa: Ulmeiro.
- (1990, Março 22). Auto-retrato. *Diário de Lisboa*.
- (1998). *Vidas vencidas*. Lisboa: Caminho.
- (2022). *Estátua de sal*. In José Cândido de Oliveira Martins & Isabel Cristina Pinto Mateus (coords.). *Obras completas de Maria Ondina Braga*, vol. I: *Autobiografias ficcionais*. Lisboa: INCM.
- COIMBRA, Artur Ferreira (1983, Maio 14). Ondina Braga: Autobiografia de solidão e liberdade. *Correio do Minho*.

- COSTA, Ana Paula (1991, Agosto 17). “Sou muito do silêncio”. *Comércio de Macau*.
- CRUZ, Gastão (dir.) (2000). Como falar de poesia? *Relâmpago* n. 6, 4/00, [s.p.], capa.
- FRAGOSO, Alberto (2004, Mar 8). Viajou, aprendeu, ensinou e escreveu... *Correio do Minho*.
- GRAZIANI, Michela (2011). Per un’analisi di critica genetica. L’avantesto poetico ondiniiano. In P. Ceccucci (a cura di). *Sul ciglio verde della strada le margherite. Studi di linguistica in onore di Giulia Lanciani* (pp. 143-202). Roma: Società Editrice Dante Alighieri.
- HORTA, Maria Teresa (1992, Abril 5). Maria Ondina Braga. A solidão da escrita. Entrevista. *Diário de Notícias*.
- LOURENÇO, Eduardo (2000). Como falar sobre poesia? *Relâmpago*, n. 6, 4/00, pp. 25-26.
- MARTINS, José Cândido Oliveira (2017). Maria Ondina Braga: autobiografia ficcional, intimismo e melancolia. In E. Rodrigues & R. Sousa (orgs.). *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal* (pp. 781-791). Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NUNES, Henrique Barreto (2003, jul.-dez.). Maria Ondina na Biblioteca Pública de Braga. *Forum* 34, pp. 285-288.
- OLIVEIRA, Maria Manuela da Mota Vale Braga de (1995). *A arte da “Fuga” em Maria Ondina Braga ou o feminino em “Contraponto”*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ROSA, António Ramos (2000). Como falar de poesia? *Relâmpago*, n. 6, 4/00, pp. 15-16.
- RUBIM, Gustavo (2000). Como falar de poesia? *Relâmpago* n. 6, 4/00, pp. 45-48.
- SANTOS, J. Alves do (1953, Janeiro 29). Presença de Maria Ondina na sua própria poesia. *Correio do Minho*, n. 8135.